

**DO GRIOT AO CINEMA:
maneiras de contar histórias em Áfricas**

Conselho Editorial

Série Letra Capital Acadêmica

Ana Elizabeth Lole dos Santos (PUC-Rio)
Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)
Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)
Claudio Cezar Henriques (UERJ)
Ezilda Maciel da Silva (UNIFESSPA)
João Luiz Pereira Domingues (UFF)
João Medeiros Filho (UCL)
Leonardo Agostini Fernandes (PUC-Rio)
Leonardo Santana da Silva (UFRJ)
Lina Boff (PUC-Rio)
Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)
Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)
Michela Rosa di Candia (UFRJ)
Olavo Luppi Silva (UFABC)
Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)
Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)
Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)
Robert Segal (UFRJ)
Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)
Sandro Ornellas (UFBA)
Sergio Azevedo (UENF)
Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)
Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)

Maria Geralda de Miranda
Ana Mafalda Leite

**DO GRIOT AO CINEMA:
maneiras de contar histórias em Áfricas**

LETRAPITAL

Copyright © Maria Geralda de Miranda e Ana Mafalda Leite 2021

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.

EDITOR: João Baptista Pinto
CAPA: Ana Clara Moita
EDITORIAÇÃO: Ana Clara Moita
REVISÃO: Ana Maria Pires Novaes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M644d

Miranda, Maria Geralda de
DO GRIOT AO CINEMA: maneiras de contar histórias em Áfricas / Maria Geralda de Miranda,
Ana Mafalda Leite. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Letra Capital, 2021.
246 p. ; 15,5x23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87594-96-5

1. Cinema. 2. Cinema – Influências africanas. 3. Cinema – História e crítica. 4. Griots. 5. Tradição oral. I. Leite, Ana Mafalda. II. Título.

21-70670

CDD: 791.43

CDU: 791(6)

Leandra Felix da Cruz Candido – Bibliotecária – CRB-7/6135

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels.: (21) 3553-2236 / 2215-3781
vendas@letracapital.com.br
www.letracapital.com.br

Dedico este livro a todos os griots africanos,
que preservaram e preservam as suas culturas
e tradições, e a todos os cineastas africanos
que a exemplo dos griots contam histórias
da África e sobre a África.

Agradeço a Alberto Gomes de Oliveira,
cinéfilo por natureza e estudioso das culturas
africanas, pelas contribuições valiosas
no decorrer de todas as etapas da pesquisa
no Brasil e em Portugal.

Sumário

- 9 Introdução
- 13 Apresentação
- 19 Prefácio
- 23 Cinema Africano: narrativa, estética e sentido
- 37 *Keita, o legado do griot*, de Dani Kouyaté:
cinema e cultura oral
- 71 *Emitai*, de Ousmane Sembène: narrativa fílmica como
estética africana descolonizadora
- 91 *Po di sangui*, de Flora Gomes: simbiose entre humanos
e natureza
- 119 *A árvore dos antepassados*, de Licínio Azevedo: tradição e
seu caráter normativo
- 139 *Nelisita: narrativas nyaneka*, de Ruy Duarte de Carvalho:
reflexões sobre linguagem e discurso cinematográficos
- 161 *Invasion 1897*, de Lancelot Oduwa Imasuen: patrimônio
cultural do Benim em discussão
- 203 *Impunidades criminosas*, de Sol de Carvalho: machismo
estrutural e violência contra a mulher
- 219 *Zona quente: um sonho perdido*, de Arcy-Jay: espaço como
disputa de ponto de vista sobre o cotidiano de jovens
da periferia
- 239 Índice remissivo

Introdução

Este livro é composto por trabalhos realizados no decorrer da pesquisa *DO GRIOT AO CINEMA: maneiras de contar histórias em Áfricas*, realizada junto à Universidade de Lisboa, no decorrer dos anos 2017 e 2018, sob a supervisão da professora Dra. Ana Mafalda Leite. O título da pesquisa está ligado à forma de contar histórias na África, cujo texto não é apenas lido, mas ouvido e visto, como diria o escritor angolano Manuel Rui (1985). Os estudos buscam refletir sobre vários aspectos envolvidos no fazer cinematográfico: contexto, história, personagens, ação, estética, entre outros.

Conforme Bamba (2007, p. 95)¹, o cinema africano tem buscado o seu espaço e identidade cultural, o que deve ser procurado além dos limites das fronteiras fictícias herdadas da colonização, que definem os contornos dos Estados modernos africanos. Para esse autor, diante de uma realidade desoladora, a África vive ou sobrevive graças aos seus mitos fundadores. Assim, muitos filmes buscam inspiração em um passado pré-colonial, numa época sem países e fronteiras.

A busca por esse passado pré-colonial bastante longínquo só é possível, ainda em sintonia com o pensamento de Bamba (2007), graças à manutenção de importantes tradições como a cultura oral. Tais tradições, ao serem representadas nos filmes, carregam várias linhas de força: algumas recriam a própria oralidade e sua estética peculiar de contar histórias; outras possibilitam críticas severas à colonização e à conseqüente subalternização da cultura dos africanos; outras centram suas críticas nos representantes dos estados implantados após o final da colonização; outras, mais contemporâneas, criticam tradições que impactam negativamente a vida, sobretudo das mulheres na contemporaneidade.

Os filmes selecionados para a pesquisa foram produzidos em diversas nacionalidades do continente africano, em épocas distintas e, também, contam histórias bem diferentes umas das outras. Todos, porém, de uma maneira ou de outra, continuam a represen-

¹ BAMBÁ, Mahomed. Introdução. In: MELEIRO, Alessandra (org.). *Cinema no mundo: África*. São Paulo: Escritora Escrituras, 2007. Iv.

tar histórias vividas e sentidas pelos africanos, muitas a partir de fatos verídicos, outras ficticiamente imaginadas e recriadas, mas em todas se pode observar a presença profunda de elementos da cultura oral e a relação desta com o sagrado, o que acaba constituindo uma maneira peculiar de fazer cinema, contar, narrar e representar histórias.

O livro está organizado em dez capítulos, a saber: Um primeiro capítulo teórico sobre cinema africano, oito capítulos de análises de filmes, elaboradas no decorrer do pós-doutorado, e um estudo sobre o filme *O jardim do outro Homem*, de Sol de Carvalho, que foi concluído antes do início da pesquisa, mas se considerou importante incluí-lo no presente livro, por fazer parte dos estudos iniciais da primeira autora sobre cinema realizado na África.

O segundo capítulo *Keita, o legado do Griot*, de Dani Kouyaté, da Burkina Faso, de 2005, conta a história do velho *griot* Djeliba que sai de sua aldeia, no interior do país, e é recebido na casa da família Keita para efetivar a missão de iniciar o menino Mabo nas tradições familiares, cuja origem remonta a Sundjata Keita, o fundador do Império do Mali. A história, preservada pela memória e ensinada pelo *griot*, e a história, ensinada na escola a Mabo, geram tensão entre os valores tradicionais e as exigências da sociedade africana contemporânea.

O terceiro capítulo se debruça sobre o longa *Emitai*, produzido em 1967, por Ousmane Sembène, senegalês, que conta uma história, recriada a partir de um fato verídico, de resistência dos habitantes de uma pequena vila do grupo Diola, do interior do Senegal. O ponto fulcral da narrativa se dá, após o início da II Guerra Mundial, em 1942, quando os jovens do local são recrutados pelo exército francês e recebem ordens de confiscar o arroz para as tropas, mas as mulheres da comunidade escondem toda a colheita e se recusam a colaborar.

O quarto capítulo traz um estudo sobre o filme *Po di sangue* (*Pau de sangue*), do cineasta Flora Gomes, da Guiné Bissau, e tem a sua história ambientada na aldeia *Amanha Lundju*, onde sempre que nasce uma criança, planta-se uma árvore. A narrativa cinematográfica, para além de tratar de vários aspectos importantes da tradição cultural africana, a partir da narrativa mítica em torno dos gêmeos Hami e Dou, discute, de forma particular, a importância dessa mesma tradição na preservação das florestas.

O quinto estudo se refere ao filme *A árvore dos antepassados*, realizado em 1994, por Licínio Azevedo, e busca, a partir de algumas reflexões sobre o cinema documentário, sua relevância e “intervenção política”, refletir acerca do modo pelo qual o sagrado tem função política, sobretudo em contextos em que se impõe a defesa de culturas e povos dominados. Reflexões sobre esse filme foram publicadas no livro *Pensando o Cinema Moçambicano*, organizado pela professora Dra. Carmen Tindó, em 2018, mas, considerando que este fez parte dos estudos no decorrer da pesquisa de pós-doutorado, optou-se por incluí-lo também nesta obra.

O sexto capítulo busca refletir sobre o filme *Nelisita: narrativas Nyaneka*, do realizador angolano Ruy Duarte de Carvalho, produzido em 1982, a partir de narrativas orais recolhidas. Esse filme conta uma história ligada à vida de uma comunidade muvuila, cujo herói é Nelisita. Trata-se de uma narrativa densa, representada por atores sociais da aldeia e traz as contradições das fronteiras herdadas do colonialismo, que dividiu nações, cujas práticas sociais e culturais se estabeleciam para além dessas divisões territoriais.

O sétimo capítulo traz um estudo sobre o longa nigeriano *Invasion 1897*, de Lancelot Imasuen, produzido em 2017. O filme, em *flashback*, narra o período da queda do Império do Benim. A trama começa nos dias de hoje, distante temporalmente do fato histórico representado. Igie Ehanire é um pesquisador de origem beninense que, ao visitar o *British Museum*, em Londres, rouba uma peça esculpida artesanalmente por seus antepassados. Acusado pelo crime, ele, em sua defesa perante a corte britânica, alega inocência, sob o argumento de que os verdadeiros donos das antiguidades eram seus ancestrais e que tais peças foram apanhadas pelo império britânico durante a invasão que derrubou o último rei africano, Oba Ovoramwen.

Os capítulos oitavo e nono trazem estudos sobre dois filmes do realizador moçambicano Sol de Carvalho: o primeiro, *O Jardim do outro Homem*, produzido em 1995; o segundo, *Impunidades Criminosas*, realizado em 2005.

O filme *O Jardim do outro Homem* discute as contradições existentes no tecido social moçambicano, principalmente no que se refere às mulheres. A problemática da CIDA/AIDS em Moçambique é relacionada à cultura patriarcal, que impede os homens de usarem preservativos, o que contribui para a difusão da doença.

Vale dizer que um ensaio inicial sobre *O jardim do outro Homem* foi publicado na revista *Mulemba*, de Estudos de Literaturas Africanas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, em 2013. Para o presente livro, o estudo foi adaptado e revisado.

Impunidades Criminosas também discute um problema atual, oriundo de práticas patriarcais arraigadas em que se inserem mulheres e homens na sociedade urbana moçambicana. Sol de Carvalho, por meio da protagonista Sara, busca mostrar as raízes e faces da violência doméstica em Moçambique e também a “aflição” e a “ruína” que ela pode provocar no tecido social. Esse estudo também foi adaptado e revisado para este livro, uma vez que foi apresentado no *XIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, realizado em Macau, China, em 2017, e publicado em suas atas em 2019.

O capítulo 10 é também sobre um filme moçambicano, *Zona Quente: um sonho perdido*, realizado em Chòkwé, na província de Gaza, em 2017, e dirigido por Arci-Jay. O longa-metragem em questão revela o cotidiano de uma periferia urbana, plena de contradições sociais, culturais e econômicas, em que as antigas tradições tribais, tanto no modo de produção, quanto em suas manifestações religiosas, vão perdendo lugar. É, nesse contexto, que se ambienta a história de jovens que, não tendo oportunidades, acabam trilhando o caminho das drogas e do crime.

O trabalho dos jovens de Chòkwé – de poucos recursos financeiros, sem ajuda externa, sem experiência e sem estudos acadêmicos formais sobre cinema – revela que há uma conjuntura tecnológica favorável para essas iniciativas e que é possível ser otimista em relação ao audiovisual nos países africanos.

Apresentação

O livro *DO GRIOT AO CINEMA: maneiras de contar histórias em África* de Maria Geralda de Miranda cumpriu um longo percurso de investigação e de escrita, que se iniciou bem antes do seu pós-doutorado, na Faculdade de Letras de Lisboa, em que trabalhámos neste projecto e que teve lugar entre 2017 e 2018, tendo em conta a actividade académica, crítica, enquanto estudiosa desta área no Brasil.

Foi para mim uma experiência de aprendizagem conjunta com a autora que procurou aprofundar e reflectir, entre outros aspectos teóricos, na importância da diversificada relação das narrativas visuais africanas que procuram implicar-se com os antecedentes narrativos orais de vários géneros, e no papel do “griot” (termo francês para designar o contador de histórias, que se adaptou ao português), com sua função lúdica e pedagógica. Hoje a designação “griot” é também pensada alegoricamente simbolizando o realizador de cinema, que cria outras estórias com imagens, e com a possibilidade de múltiplo aparato linguístico e musical. Os empréstimos da tradição oral a que os modernos griots – de forma mais subtil ou mais evidente – se socorrem, readaptando-os, não se revelam como marcas de arcaísmo, ou recusa da modernidade, são sobretudo escolhas estéticas que contribuem para preservar e equilibrar as tradições (num sentido amplo), integrando-as no movimento imparável da modernização e da globalização pós-colonial. Ou seguindo as palavras de Germain Lacasse (2006:24): “O cinema africano revela a marca de uma diferença essencial, a presença das culturas em que a modernidade não consegue apagar a tradição e as singularidades”.

As diferentes formas de pensar esta integração – ao usar criticamente a História, colonial e pós-colonial, a memória da violência cultural, as práticas rituais, os géneros orais e outras e múltiplas formas de convocação narrativa – são trabalhadas por Maria Geralda Miranda ao longo dos nove capítulos desta obra, após um capítulo inicial de fundamentação teórica e abertura para a discussão de alguns conceitos fundamentais na área de estudos do cinema africano.

Este livro tem uma intenção simultaneamente reflexiva e didáctica, desejando ser um elemento de trabalho em língua portuguesa que concorre para as lacunas bibliográficas existentes sobre este domínio de estudos acerca do cinema africano. Com efeito, verificamos que nos últimos anos as áreas disciplinares nos currículos disciplinares universitários, e não só, têm feito surgir disciplinas que contemplam os estudos sobre cinema africano, sendo cada vez mais objecto de importantes debates, mostras, colóquios, teses. Um dos objectivos deste estudo é contribuir para a divulgação de informação teórico-crítica e bibliográfica, no quadro da reflexão em língua portuguesa, que permita acrescentar outros pontos de vista para o estudo do cinema africano.

Cada capítulo é sustentado por uma diversificada bibliografia que remete para o aprofundamento dos tópicos desenvolvidos. E embora a matriz do livro convoque em especial trabalhos sobre o cinema produzido nos países africanos, também de língua portuguesa, a obra faz um percurso de enquadramento que parte do cinema francófono, em que se analisa uma realização do pai do cinema africano, Sembène Ousmane, com um belíssimo estudo sobre *Emitai*, evocando a experiência forçada de participação dos africanos na segunda guerra mundial, integrando o exército francês, e a discussão fortemente crítica sobre as tradições religiosas. A obra *Keita, o Legado do Griot*, de Dani Kouyaté, da Burkina faso, abre o volume pelo seu cariz de homenagem directa ao legado da epopeia oral e à discussão entre a escola tradicional e a moderna no quadro da aprendizagem entre o velho e a criança, representando as complexidades das relações entre tradição, modernidade, campo e cidade.

A obra também inclui uma incursão sobre o cinema nigeriano, com o estudo da longa-metragem *Invasion 1897*, que trata simultaneamente da reivindicação cultural e da história da conquista imperial do Benim. O objectivo é colocar de forma relativamente paritária o cinema produzido na África de língua portuguesa com os outros cinemas, ao alternar entre estudos sobre cinema senegalês, angolano, moçambicano, guineense ou nigeriano, mostrando formas diversas de tratamento de temas que, directa ou indirectamente, convocam integrações/ revisões das Histórias, de guerras, das culturas locais, das crenças e religiosidades, dos tabus e rituais, revelando a conflitualidade de questões de género

e de valores entre jovens e mais velhos, perante a modernização em áreas suburbanas, ou as alterações progressivas entre os espaços geográficos como a cidade e o campo, comuns às diferentes áreas e países africanos. Naturalmente, que estes temas entrelaçam formas narrativas e narradores que amplificam, modernizam, subjectivam e recompõem propostas discursivas que subliminarmente evocam os legados tradicionais e as culturas locais.

Como sublinha Ute Fendler (20019:223) num texto intitulado “O cinema moçambicano – um cinema “fantástico”?”, quando os cineastas africanos “utilizam elementos “sobrenaturais” ou “maravilhosos”, estes fazem parte do processo narrativo, criando um mundo imaginado, fictício tão “verdadeiro”, que todos, inclusive os espectadores, são convidados a sonhar a realidade, em versões e variações intermináveis.”

Lembro aqui a propósito das inúmeras possibilidades deste “pacto narrativo” entre narrativas/ tradições/ oralidades e as modernas narrativas visuais nos cinemas africanos, um belo poema do moçambicano José Craveirinha, que ilustra de forma indirecta essa articulação. “Mangondo”, texto incluído no livro *Karingana wa Karingana* (“Era uma vez”) uma obra poética que procura dialogar com as formas narrativas orais, narrativizando poeticamente a odisseia no tempo colonial, mostra a história de uma personagem do caniço (subúrbio), Mangondo, que cumpre o papel do novo e visionário contador, que “abriu os olhos enormes de futuro” e “desceu à cidade incandescente de luazinhas eléctricas/ e assaltou as cabinas dos cinemas”. Se o poema problematiza como pano de fundo o contraste entre a miséria suburbana sem luz, ou à luz do fósforo e da fogueira, e a cidade colonial rica cheia de “luazinhas eléctricas”, alerta-nos para elementos cúmplices com as práticas da oralidade que essa arte do futuro, o cinema, virá a convocar: a contação e recontação.

Assim lemos no poema :“Nas vivendas de caniço/ Mangondo acendeu um fósforo/ Viu o lume de celulóide crescer/ e chamou toda a gente.” Passando da luz do écran para a da fogueira, todos se vão juntar a Mangondo, para esquecerem o frio, e na quentura da voz e da fogo, ouvirem a nova versão oral da narrativa que a imagem, agora reinventada oralmente por Mangondo, vai renegociar na narrativa ao aquecer o coração dos ouvintes: “E toda a gente fugiu/ do escuro e do frio/ e à luz quente das bobines e guerra

da Paramount/ os homens e as mulheres os velhos e os mufanas/
despiram os fatalismos das serapilheiras” (...):

Mangondo
Escuro e frio
Fizeram juras nos corpos em serapilheira
E na manhã dos caminhos de cacimba
ao mágico sinal das palmas tatuadas de calos
e ao som das vozes do cais na garganta estrangulada
Mangondo abriu os olhos enormes de futuro
E alma de Mangondo endureceu
de fome e de frio
e Mangondo saiu da casa de caniço
e finalmente desceu
à cidade incandescente de luazinhas eléctricas
e assaltou as cabinas dos cinemas.
E para o transido coração dos subúrbios
Mangondo levou nos braços
os belos tanques floridos de canhões
e a última experiência dos átomos libertados.
Nas vivendas de caniço
Mangondo acendeu um fósforo
Viu o lume de celulóide crescer
e chamou toda agente.
E toda a gente fugiu
do escuro e do frio
e à luz quente das bobines e guerra da Paramount
os homens e as mulheres os velhos e os mufanas
despiram os fatalismos das serapilheiras
sacudiram as xiganda-bongolo às riscas sem nexo
agitaram as capulanas de flores rubras
juntaram-se
e foram.

O poema problematiza o cinema como a moderna forma de contar histórias estabelecendo a relação entre as duas formas, a visual e a oral. Lembra a importância da figura do narrador, a dimensão de socialização e de partilha lúdica, enquanto interacção necessária entre o público e o contador.

Que este livro possa servir de plataforma de estudo e inspiração para todos aqueles que desejam aprender e fruir os cinemas africanos e suas histórias, e através delas possam aceder ao prazer do conhecimento das práticas narrativas múltiplas de outras geografias culturais.

Lisboa, 10 de setembro de 2020
Ana Mafalda Leite
Universidade de Lisboa, Portugal

Referências

Naudillon, Françoise, Janusz Przychodzen et Sathya Rao. *L'Afrique fait son cinéma Regards et perspectives sur le cinéma africain francophone*. Montréal: Mémoire d'Encrier, 2006.

Secco, Carmen Tindo, Ana Mafalda Leite e Luís Carlos Patraquim. *Cinegrafias Moçambicanas Memórias & Crônicas & Ensaíos*. São Paulo: Kapulana, 2019.

Prefácio

A pesquisa, realizada pela Dra. Maria Geralda de Miranda em seu pós-doutoramento, é apresentada neste livro, cujo título, *DO GRIOT AO CINEMA: maneiras de contar histórias em África*, já indica a abordagem metodológica que será tecida a partir do itinerário percorrido por determinados filmes e cineastas representativos da filmografia produzida no continente africano.

O livro de Maria Geralda, em coautoria com sua supervisora de Pós-Doutorado, a Dra. Ana Mafalda Leite, Professora da Universidade de Lisboa, traz ensaios que focalizam o entrelaçamento entre cinema e literatura, entre cinema e ficção, entre cinema e sociedade.

No sumário, se encontram listados e descritos os dez capítulos que compõem a obra. O primeiro versa sobre questões teóricas referentes a diversos cinemas africanos. Uso aqui o plural, uma vez que há enorme variedade de linguagens e discursos fílmicos na cinematografia existente na África. Os demais capítulos divulgam e analisam a produção de diferentes cineastas, entre os quais: Ousmane Sèmbene, Flora Gomes, Licínio Azevedo, Ruy Duarte de Carvalho, Dani Kouyaté, Sol de Carvalho, Odwa Imasuen, Arcy-Jay. Países como Burkina Faso, Senegal, Guiné-Bissau, Moçambique, Angola, Nigéria estão representados no livro.

Conforme afirma Mahomed Bamba [*In: MELEIRO, Alessandra (org.). Cinema no mundo: África. São Paulo: Ed. Escrituras, 2007. 1 v. p. 95*], reconhecido estudioso da cinematografia africana citado por Maria Geralda, “o cinema africano tem buscado o seu espaço e identidade cultural em épocas longínquas. Assim, encontra inspiração em um passado pré-colonial”. Isso significa que tradições orais, ancestralidade fazem parte não só de romances de escritores africanos, mas também de roteiros cinematográficos, de diversos realizadores, entre os quais: Flora Gomes, Licínio Azevedo, Sol de Carvalho, cineastas consagrados que já ganharam vários prêmios em festivais nacionais e internacionais de cinema.